

## Falenas, de Machado de Assis

Texto proveniente de:

A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>

A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo

Permitido o uso apenas para fins educacionais.

Texto-base digitalizado por:

NUPILL - Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística

<<http://www.cce.ufsc.br/~alckmar/literatura/literat.html>>

Universidade Federal de Santa Catarina

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas. Para maiores informações, escreva para <[bibvirt@futuro.usp.br](mailto:bibvirt@futuro.usp.br)>.

Estamos em busca de patrocinadores e voluntários para nos ajudar a manter este projeto. Se você quer ajudar de alguma forma, mande um e-mail para <[bibvirt@futuro.usp.br](mailto:bibvirt@futuro.usp.br)> e saiba como isso é possível.

## Falenas Machado de Assis

ÍNDICE:

- |                           |                           |
|---------------------------|---------------------------|
| 1. FLOR DA MOCIDADE       | 11. LÁGRIMAS DE CERA      |
| 2. QUANDO ELA FALA        | 12. LIVROS E FLORES       |
| 3. MANHÃ DE INVERNO       | 13. PÁSSAROS              |
| 4. LA MARCHESA DE MIRAMAR | 14. O VERME               |
| 5. SOMBRAS                | 15. UN VIEUX PAYS         |
| 6. ITE, MISSA EST         | 16. LUZ ENTRE SOMBRAS     |
| 7. RUÍNAS                 | 17. LIRA CHINESA          |
| 8. MUSA DOS OLHOS VERDES  | 18. UMA ODE DE ANACREONTE |
| 9. NOIVADO                | 19. PÁLIDA ELVIRA         |
| 10. A ELVIRA              |                           |

### FLOR DA MOCIDADE

EU CONHEÇO a mais bela flor

És tu, rosa da mocidade

Nascida, aberta para o amor.

Eu conheço a mais bela flor.

Tem do céu a serena cor

E o perfume da virgindade.

Eu conheço a mais bela flor,

És tu, rosa da mocidade.

Vive às vezes na solidão

Como filha da brisa agreste.

Teme acaso indiscreta mão

Vive às vezes na solidão.

Poupa a raiva do furacão  
Suas folhas de azul-celeste  
Vive às vezes na solidão  
Como filha da brisa agreste.  
Colhe-se antes que venha o mal  
Colhe-se antes que chegue o inverno;  
Que a flor morta já nada vale.  
Colhe-se antes que venha o mal.  
Quando a terra é mais jovial  
Todo o bem nos parece eterno  
Colhe-se antes que venha o mal  
Colhe-se antes que chegue o inverno.

#### QUANDO ELA FALA

*She speaks!*  
*O speak again, bright angel!*  
Shakespeare

QUANDO ela fala, parece  
Que a voz da brisa se cala;  
Talvez um anjo emudece  
Quando ela fala.

Meu coração dolorido  
As suas mágoas exala.  
E volta ao gozo perdido  
Quando ela fala.

Pudesse eu eternamente  
Ao lado dela, escutá-la,  
Ouvir sua alma inocente  
Quando ela fala.

Minh'alma, já semimorta,  
Conseguira ao céu alçá-la,  
Porque o céu abre uma porta  
Quando ela fala.

#### MANHÃ DE INVERNO

COROADA DE NÉVOAS surge a aurora  
Por detrás das montanhas do oriente;  
Vê-se um resto de sono e de preguiça  
Nos olhos da fantástica indolente.  
Névoas enchem de um lado e de outro os morros  
Tristes como sinceras sepulturas  
Essas que têm por simples ornamento  
Puras capelas, lágrimas mais puras.  
A custo rompe o sol; a custo invade  
O espaço todo branco: e a luz brilhante  
Fulge através do espesso nevoeiro.  
Como através de um véu fulge o diamante.

Vento frio, mas barato agita as folhas  
Das laranjeiras úmidas da chuva:  
Erma de flores, curva a planta o colo  
E o chão recebe o pranto da viúva.  
Gelo não cobre o dorso das montanhas  
Nem enche as folhas trêmulas a neve;  
Galhardo moço, o inverno deste clima  
Na verde palma a sua história escreve.  
Pouco a pouco, dissipam-se no espaço  
As névoas da manhã; já pelos montes  
Vão subindo as que encheram todo o vale  
Já se vão descobrindo os horizontes.  
Sobe de todo o pano, eis aparece  
Da natureza o esplêndido cenário  
Tudo ali preparou cos sábios olhos  
A suprema ciência do empresário.  
Canta a orquestra dos pássaros no mato  
A sinfonia alpestre, — a voz serena  
Acorda os ecos tímidos do vale;  
E a divina comédia invade a cena.

#### LA MARCHESA DE MIRAMAR

*A misérrima Dido*  
*Pelos paços reais vaga ululando.*  
Garção

DE QUANTO sonho um dia povoaste  
A mente ambiciosa,

Que te resta? Uma página sombria,  
A escura noite e um túmulo recente.  
Ó abismo! Ó fortuna! Um dia apenas  
Viu erguer, viu cair teu frágil trono.  
Meteoro do século, passaste,  
Ó triste império, alumando as sombras.  
A noite foi teu berço e teu sepulcro!  
Da tua morte os goivos inda acharam  
Frescas as rosas dos teus breves dias;  
E no livro da história uma só folha  
A tua vida conta; sangue e lágrimas.  
No tranqüilo castelo,

Ninho d'amor, asilo de esperanças,  
A mão de áurea, fortuna preparara,  
Menina e moça um túmulo aos teus dias.  
Junto do amado esposo,

Outra c'roa cingias mais segura,  
A coroa do amor, dádiva santa  
Das mãos de Deus. No céu de tua vida

Uma nuvem sequer não sombreava  
A esplêndida manhã; estranhos eram  
Ao recatado asilo

Os rumores do século.

Estendia-se  
Em frente o largo mar, tranqüila face  
Como a da consciência alheia ao crime,  
E o céu, cúpula azul do equóreo leito.  
Ali, quando ao cair da amena tarde,  
No tálamo encantado do ocidente,  
O vento melancólico gemia,  
E a onda murmurando,

Nas convulsões do amor beijava a areia,  
Ias tu junto dele, as mãos travadas,  
Os olhos confundidos,  
Correr as brandas, sonolentas águas,  
Na gôndola discreta. Amenas flores  
Com suas mãos teciam

As namoradas Horas; vinha a noite,  
Mãe de amores, solícita descendo,  
Que em seu regaço a todos envolvia  
O mar, o céu, a terra, o lenho e os noivos...  
Mas além, muito além do céu fechado,  
O sombrio destino, contemplando  
A paz do teu amor, a etérea vida  
As santas efusões das noites belas  
O terrível cenário preparava  
A mais terríveis lances.  
Então surge dos tronos

A profética voz que anunciava  
Ao teu crédulo esposo:

"Tu serás rei, Macbeth!" Ao longe, ao longe.  
No fundo do oceano, envolto em névoas  
Salpicado de sangue, ergue-se um trono.  
Chamam-no a ele as vozes do destino.  
Da tranqüila mansão ao novo império  
Cobrem flores a estrada, — estêreis flores  
Que mal podem cobrir o horror da morte.  
Tu vais, tu vais também, vítima infausta;  
O sopro da ambição fechou teus olhos...  
Ah! quão melhor te fora  
No meio dessas águas

Que a régia nau cortava, conduzindo  
Os destinos de um rei, achar a morte  
A mesma onda os dous envolveria.  
Uma só convulsão às duas almas.  
O vínculo quebrara, e ambas iriam  
Como raios partidos de uma estrela  
À eterna luz juntar-se.

Mas o destino, alçando a mão sombria,  
Já traçara nas páginas da história  
O terrível mistério. A liberdade  
Vela naquele dia a ingênua fronte.  
Pejam nuvens de fogo o céu profundo.  
Orvalha sangue a noite mexicana...  
Viúva e moça, agora em vão procuras  
No teu plácido asilo o extinto esposo.  
Interrogas em vão o céu e as águas.  
Apenas surge ensangüentada sombra  
Nos teus sonhos de louca, e um grito apenas,  
Um soluço profundo reboando  
Pela noite do espírito, parece  
Os ecos acordar da mocidade.  
No entanto, a natureza alegre e viva,  
Ostenta o mesmo rosto.

Dissipam-se ambições, impérios morrem,  
Passam os homens como pó que o vento  
Do chão levanta ou sombras fugitivas  
Transformam-se em ruína o templo e a choça.  
Só tu, só tu, eterna natureza,  
Imutável, tranqüila

Como rochedo em meio do oceano  
Vês baquear os séculos.

Sussurra  
Pelas ribas do mar a mesma brisa;  
O céu é sempre azul, as águas mansas;  
Deita-se ainda a tarde vaporosa  
No leito do ocidente

Ornam o campo as mesmas flores belas  
Mas em teu coração magoado e triste  
Pobre Carlota! o intenso desespero  
Enche de intenso horror o horror da morte,  
Viúva da razão, nem já te cabe  
A ilusão da esperança.

Feliz, feliz, ao menos, se te resta,  
Nos macerados olhos

O derradeiro bem: — algumas lágrimas!

## SOMBRAS

QUANDO, assentada, à noite, a tua fronte inclinas,  
E cerras descuidada as pálpebras divinas,  
E deixas no regaço as tuas mãos cair,  
E escutas sem falar, e sonhas sem dormir,  
Acaso uma lembrança, um eco do passado,  
Em teu seio revive?

O túmulo fechado

Da ventura que foi, do tempo que fugiu,

Por que razão, mimosa, a tua mão o abriu?  
Com que flor, com que espinho, a importuna memória  
Do teu passado escreve a misteriosa história?  
Que espectro ou que visão ressurgue aos olhos teus?  
Vem das trevas do mal ou cai das mãos de Deus?  
É saudade ou remorso? é desejo ou martírio?  
Quando em obscuro templo a fraca luz de um círio  
Apenas alumia a nave e o grande altar  
E deixa todo o resto em treva, —e o nosso olhar  
Cuida ver ressurgindo, ao longe, dentre as portas  
As sombras imortais das criaturas mortas,  
Palpita o coração de assombro e de terror;  
O medo aumenta o mal. Mas a cruz do Senhor,  
Que a luz do círio inunda, os nossos olhos chama;  
O ânimo esclarece aquela eterna chama  
Ajoelha-se contrito, e murmura-se então  
A palavra de Deus, a divina oração.

Pejam sombras, bem vês, a escuridão do templo;  
Volve os olhos à luz, imita aquele exemplo;  
Corre sobre o passado impenetrável véu;  
Olha para o futuro e vem lançar-te ao céu.

*ITE, MISSA EST*

FECHA O MISSAL do amor e a bênção lança  
À pia multidão  
Dos teus sonhos de moço e de criança,  
Soa a hora fatal. —reza contrito  
As palavras do rito:  
*Ite, missa est.*  
Foi longo o sacrifício; o teu joelho  
De curvar-se cansou:  
E acaso sobre as folhas do Evangelho  
A tua alma chorou.  
Ninguém viu essas lágrimas (ai tantas!)  
Cair nas folhas santas.  
*Ite, missa est.*  
De olhos fitos no céu rezaste o credo  
O credo do teu deus;  
Oração que devia, ou tarde ou cedo  
Travar nos lábios teus;  
Palavra que se esvai qual fumo escasso  
E some-se no espaço.  
*Ite, missa est.*  
Votaste ao céu, nas tuas mãos alçadas  
A hóstia do perdão,  
A vítima divina e profanada  
Que chamas coração.  
Quase inteiras perdeste a alma e a vida  
Na hóstia consumida.  
*Ite, missa est.*  
Pobre servo do altar de um deus esquivo,  
É tarde, beija a cruz  
Na lâmpada em que ardia o fogo ativo,

Vê, já se extingue a luz.  
Cubra-te agora o rosto macilento  
O véu do esquecimento.  
*Ite, missa est.*

## RUÍNAS

*No hay pájaros [hogaño] em los nidos de antaño.  
Provérbio espanhol*

COBREM PLANTAS sem flor crestados muros;  
Range a porta anciã; o chão de pedra  
Gemem parece aos pés do inquieto vate.  
Ruína é tudo: a casa, a escada, o horto,  
Sítios caros da infância.

Austera moça

Junto ao velho portão o vate aguarda;  
Pendem-lhe as tranças soltas  
Por sobre as roxas vestes

Risos não tem, e em seu magoado gesto  
Transluz não sei que dor oculta aos olhos,  
— Dor que à face não vem, — medrosa e casta  
Intima e funda; — e dos cerrados cílios  
Se uma discreta e muda

Lágrima cai, não murcha a flor do rosto  
Melancolia tácita e serena,  
Que os ecos não acorda em seus queixumes  
Respira aquele rosto. A mão lhe estende  
O abatido poeta. Ei-los percorrem  
Com tardo passo os lembrados sítios,  
Ermos depois que a mão da fria morte  
Tantas almas colhera. Desmaiavam,  
Nos serros do poente.  
Aos rosas do crepúsculo.

"Quem és? pergunta o vate; o solo que foge  
No teu languido olhar um raio deixa;  
— Raio quebrado e frio: — o vento agita  
Tímido e frouxo as tuas longas tranças.  
Conhecem-te estas pedras; das ruínas  
Alma errante pareces condenada  
A contemplar teus insepultos ossos.  
Conhecem-te estas árvores. E eu mesmo  
Sinto não sei que vaga e amortecida  
Lembrança de teu rosto."

Desceu de todo a noite,  
Pelo espaço arrastando o manto escuro  
Que a loura Vésper nos seus ombros castos,  
Como um diamante, prende. Longas horas  
Silenciosas correram. No outro dia,

Quando as vermelhas rosas do oriente  
Ao já próximo sol a estrada ornavam,  
Das ruínas saíam lentamente  
Duas pálidas sombras...

#### MUSA DOS OLHOS VERDES

MUSA dos olhos verdes, musa alada,  
Ó divina esperança,

Consolo do ancião no extremo alento,  
E sonho da criança;

Tu que junto do berço o infante cinges  
Cos fúlgidos cabelos

Tu que transformas em dourados sonhos  
Sombrios pesadelos;

Tu que fazes pulsar o seio às virgens;  
Tu que às mães carinhosas

Enches o brando, tépido regaço  
Com delicadas rosas;

Casta filha do céu, virgem formosa  
Do eterno devaneio

Sê minha amante, os beijos recebe,  
Acolhe-me em teu seio!

Já cansada de encher lânguidas flores  
Com as lágrimas frias,

A noite vê surgir do oriente a aurora  
Dourando as serranias.

Asas batendo à luz que as trevas rompe,  
Piam noturnas aves.

E a floresta interrompe alegremente  
Os seus silêncios graves.

Dentro de mim, a noite escura e fria  
Melancólica chora

Rompe estas sombras que o meu ser povoam  
Musa, sê tua a aurora!

#### NOIVADO

VÊS, QUERIDA, o horizonte ardendo em chamas?  
Além desses outeiros  
Vai descambando o sol, e à terra envia



Os raios derradeiros;

A tarde, como noiva que enrubesce,  
Traz no rosto um véu mole e transparente;  
No fundo azul a estrela do poente  
Já tímida aparece.

Como um bafo suavíssimo da noite,  
Vem sussurrando o vento.

As árvores agita e imprime às folhas  
O beijo sonolento.

A flor ajeita o cálix: cedo espera  
O orvalho, e entanto exala o doce aroma;  
Do leito do oriente a noite assoma;  
Como uma sombra austera.

Vem tu, agora, ó filha de meus sonhos,  
Vem, minha flor querida;

Vem contemplar o céu, página santa  
Que amor a ler convida;

Da tua solidão rompe as cadeias;  
Desce do teu sombrio e mudo asilo;  
Encontrarás aqui o amor tranqüilo...  
Que esperas? que receias?

Olha o templo de Deus, pomposo e grande;  
Lá do horizonte oposto

A lua, como lâmpada, já surge  
A alumiar teu rosto;

Os círios vão arder no altar sagrado,  
Estrelinhas do céu que um anjo acende;  
Olha como de bálsamos recende  
A c'roa do noivado.

Irão buscar-te em meio do caminho  
As minhas esperanças;

E voltarão contigo, entrelaçadas  
Nas tuas longas tranças

No entanto eu preparei teu leito à sombra  
Do limoeiro em flor; colhi contente  
Folhas com que alastrei o solo ardente  
De verde e mole alfombra.

Pelas ondas do tempo arrebatados,  
Até à morte iremos,

Soltos ao longo do baixel da vida  
Os esquecidos remos.

Firmes, entre o fragor da tempestade,  
Gozaremos o bem que amor encerra,  
Passaremos assim do sol da terra  
Ao sol da eternidade.

A ELVIRA  
(LAMARTINE)

QUANDO, contigo a sós, as mãos unidas,  
Tu, pensativa e muda, e eu, namorado,  
Às volúpias do amor a alma entregando,  
Deixo correr as horas fugidias  
Ou quando às solidões de umbrosa selva  
Comigo te arrebató; ou quando escuto  
—Tão só eu,—teus terníssimos suspiros  
E de meus lábios solto

Eternas juras de constância eterna;  
Ou quando enfim, tua adorada fronte  
Nos meus joelhos trêmulos descansa,  
E eu suspendo meus olhos em teus olhos,  
Como às folhas da rosa ávida abelha;  
Aí, quanta vez então dentro em meu peito  
Vago terror penetra, como um raio,  
Empalideço, tremo;

E no seio da glória em que me exalto,  
Lágrimas verto que a minha alma assombram!  
Tu, carinhosa e trêmula,

Nos teus braços me cinges,—e assustada,  
Interrogando em vão, comigo choras!  
"Que dor secreta o coração te oprime?"  
Dizes tu. "Vem, confia os teus pesares  
Fala! eu abrandarei as penas tuas!  
Fala! eu consolarei tua alma aflita!"  
Vida do meu viver, não me interrogues!  
Quando enlaçado nos teus niveos braços  
A confissão de amor te ouço, e levanto  
Languidos olhos para ver teu rosto,  
Mais ditoso mortal o céu não cobre!  
Se eu tremo, é porque nessas esquecidas  
Afortunadas horas

Não sei que voz do enleio me desperta,  
E me persegue e lembra

Que a ventura coo tempo se esvaece,  
E o nosso amor é facho que se extingue!  
De um lance, espavorida,

Minha alma voa às sombras do futuro,  
E eu penso então: "Ventura que se acaba  
Um sonho vale apenas".

## LÁGRIMAS DE CERA

PASSOU; viu a porta aberta.  
Entrou; queria rezar.  
A vela ardia no altar.  
A igreja estava deserta.

Ajoelhou-se defronte  
Para fazer a oração;  
Curvou a pálida fronte  
E pôs os olhos no chão.

Vinha trêmula e sentida.  
Cometera um erro, a cruz  
É a âncora da vida,  
A esperança, a força, a luz.

Que rezou? Não sei. Benzeu-se  
Rapidamente. Ajustou  
O véu de rendas. Ergueu-se  
E à pia se encaminhou.

Da vela benta que ardera,  
Como tranqüilo fanal,  
Umás lágrimas de cera  
Caíam no castiçal.  
Ela porém não vertia  
Ma lágrima sequer.  
Tinha fé, - a chama a arder -  
Chorar é que não podia.

## LIVROS E FLORES

TEUS OLHOS são meu livros.  
Que livro há aí melhor,  
Em que melhor se leia  
A página do amor?

Flores me são teus lábios.  
Onde há mais bela flor  
Em que melhor se beba  
O bálsamo do amor?

## PÁSSAROS

*Je veux changer mes pensées em oiseaux..*  
C. MAROT

OLHA COMO, cortando os leves ares,  
Passam do vale ao monte as andorinhas;  
Vão pousar na verdura dos palmares,  
Que, à tarde, cobre transparente véu;  
Voam também como essas avezinhas

Meus sombrios, meus tristes pensamentos;  
Zombam da fúria dos contrários ventos,  
Fogem da terra, acercam-se do céu.

Porque o céu é também aquela estância  
Onde respira a doce criatura,  
Filha de nosso amor, sonho da infância,  
Pensamento dos dias juvenis.  
Lá, como esquiva flor, formosa e pura,  
Vives tu escondida entre a folhagem,  
Ó rainha do ermo, ó fresca imagem  
Dos meus sonhos de amor calmo e feliz!

Vão para aquela estância enamorados,  
Os pensamentos de minh'alma ansiosa;  
Vão contar-lhe os meus dias mal gozados  
E estas noites de lágrimas e dor.

Na tua frente pousarão, mimosa,  
Como as aves no cimo da palmeira,  
Dizendo aos ecos a canção primeira  
De um livro escrito pela mão do amor.

Dirão também como conservo ainda  
No fundo de minh'alma essa lembrança  
De tua imagem vaporosa e linda,  
Único alento que me prende aqui  
E dirão mais que estrelas de esperança  
Enchem a escuridão das noites minhas  
Como sobem ao monte as andorinhas  
Meus pensamentos voam para ti.

## O VERME

EXISTE uma flor que encerra  
Celeste orvalho e perfume.  
Plantou-a em fecunda terra  
Mão benéfica de um nume.

Um verme asqueroso e feio,  
Gerado em lodo mortal  
Busca esta flor virginal  
E vai dormir-lhe no seio.

Morde, sangra, rasga e mina,  
Suga-lhe a vida e o alento;  
A flor o cálix inclina;  
As folhas, leva-as o vento.

Depois, nem resta o perfume  
Nos ares da solidão...  
Esta flor é o coração.  
Aquêlve verme o ciúme.

*UN VIEUX PAYS*  
... juntamente choro e rio.  
CAMÕES.

IL EST UN VIEUX pays, plein d'ombre et de lumière,  
Où l'on rêve le jour, où l'on pleure le soir,  
Un pays de blasphème, autant que de prière,  
Né pour la doute et pour l'espoir.

On n'y voit point de fleurs sans un ver qui les ronge,  
Point de mer sans tempête, ou de soleil sans nuit;  
Le bonheur y paraît quelquefois dans un songe  
Entre les bras du sombre ennui.

L'amour y va souvent, mais c'est tout un délire  
Un désespoir sans fin, une énigme sans mot;  
Parfois il rit gaîment, mais de cet affreux rire  
Qui n'est peut-être qu'un sanglot.

On va dans ce pays de misère et d'ivresse,  
Mais on le voit à peine, on en sort, on a peur  
Je l'habit pourtant, j'y passe na jeunesse...  
Hélas! ce pays, c'est mon coeur.

LUZ ENTRE SOMBRAS

É NOITE medonha e escura,  
Muda como o passamento,  
Uma só no firmamento  
Trêmula estrela fulgura.

Fala aos ecos da espessura  
A chorosa harpa do vento,  
E num canto sonolento  
Entre as árvores murmura.

Noite que assombra a memória,  
Noite que os medos convida  
Erma, triste, merencória.

No entanto... minh'alma olvida  
Dor que se transforma em glória,  
Morte que se rompe em vida.

LIRA CHINESA  
I / O POETA A RIR  
( HAN-TIÊ )

TAÇA D'ÁGUA parece o lago ameno;  
Têm os bambus a forma de cabanas,  
Que as árvores em flor, mais altas, cobrem  
Com verdejantes tectos

As pontiagudas rochas entre flores,

Dos pagodes o grave aspecto ostentam...  
Faz-me rir ver-te assim, ó natureza,  
Cópia servil dos homens.

## II / A UMA MUI IIER (TCHÊ-TSI)

Cantigas modulei ao som da flauta,  
Da minha flauta d'ébano;

Nelas minh'alma segredava à tua  
Fundas, sentidas mágoas.

Cerraste-me os ouvidos. Namorados  
Versos compus de júbilo,

Por celebrar teu nome, as graças tuas,  
Levar teu nome aos séculos.

Olhaste, e, meneando a airosa frente,  
Com tuas mãos puríssimas,

Folhas em que escrevi meus pobres versos  
Lançaste às ondas trêmulas.

Busquei então por encantar tu'alma  
Uma safira esplêndida,

Fui depô-la a teus pés... tu descerraste  
Da tua boca as pérolas.

## III / O IMPERADOR (THU-FU)

Olha. O Filho do Céu, em trono de ouro,  
E adornado com ricas pedrarias,  
Os mandarins escuta: —um sol parece  
De estrelas rodeado.

Os mandarins discutem gravemente  
Cousas muito mais graves. E ele? Foge-lhe  
O pensamento inquieto e distraído  
Pela janela aberta.

Além, no pavilhão de porcelana,  
Entre donas gentis está sentada  
A imperatriz, qual flor radiante e pura  
Entre viçosas folhas.

Pensa no amado esposo, arde por vê-lo,

Prolonga-se-lhe a ausência, agita o leque...  
Do imperador ao rosto um sopro chega  
De recendente brisa.

"Vem dela este perfume", diz, e abrindo  
Caminho ao pavilhão da amada esposa,  
Deixa na sala, olhando-se em silêncio,  
Os mandarins pasmados.

#### IV / O LEQUE (TAN-JO-LU)

Na perfumada alcova a esposa estava.  
Noiva ainda na véspera. Fazia  
Calor intenso; a pobre moça ardia,  
Com fino leque as faces refrescava.  
Ora, no leque em boa letra feito  
Havia neste conceito:

"Quando, imóvel o vento e o ar pesado,  
Arder o intenso estio  
Serei por mão amiga ambicionado;  
Mas, volte o tempo frio,

Ver-me-eis a um canto logo abandonado".  
Lê a esposa este aviso, e o pensamento  
Volve ao jovem marido.

"Arde-lhe o coração neste momento  
(Diz ela) e vem buscar enternecido  
Brandas auras de amor. Quando mais tarde  
Tornar-se em cinza fria  
O fogo que hoje lhe arde,

Talvez me esqueça e me desdenhe um dia."

#### V / A FOLHA DO SALGUEIRO (TCHAN-TIÚ-LIN)

Amo aquela formosa e terna moça  
Que, à janela encostada, arfa e suspira;  
Não porque tem do largo rio à margem  
Casa faustosa e bela.

Amo-a, porque deixou das mãos mimosas  
Verde folha cair nas mansas águas.

Amo a brisa de leste que sussurra,  
Não porque traz nas asas delicadas  
O perfume dos verdes pessegueiros  
Da oriental montanha.

Amo-a porque impeliu coas tênues asas  
Ao meu batel a abandonada folha.

Se amo a mimosa folha aqui trazida,  
Não é porque me lembre à alma e aos olhos  
A renascente, a amável primavera,  
    Pompa e vigor dos vales.

Amo a folha por ver-lhe um nome escrito,  
Escrito, sim, por ela, e esse... é meu nome.

#### VI / AS FLORES E OS PINHEIROS (TIN-TUN-SING )

Vi os pinheiros no alto da montanha  
    Ouriçados e velhos;

E ao sopé da montanha, abrindo as flores  
    Os cálices vermelhos.

Contemplando os pinheiros da montanha,  
    As flores tresloucadas

Zombam deles enchendo o espaço em torno  
    De alegres gargalhadas.

Quando o outono voltou, vi na montanha  
    Os meus pinheiros vivos,

Branco de neve, e meneando ao vento  
    Os galhos pensativos.

Volvi o olhar ao sítio onde escutara  
    Os risos mofadores;

Procurei-as em vão; tinham morrido  
    As zombeteiras flores.

#### VII / REFLEXOS (THU-FU )

Vou rio abaixo vogando  
No meu batel e ao luar;  
Nas claras águas fitando,  
    Fitando o olhar.

Das águas vejo no fundo,  
Como por um branco véu  
Intenso, calmo, profundo,  
    O azul do céu.

Nuvem que no céu flutua,  
Flutua n'água também;



Se a lua cobre, à outra lua  
Cobri-la vem.

Da amante que me extasia,  
Assim, na ardente paixão,  
As raras graças copia  
Meu coração.

VIII / CORAÇÃO TRISTE FALANDO AO SOL  
(SU-TCHON)

No arvoredo sussurra o vendaval do outono,  
Deita as folhas à terra, onde não há florir,  
E eu contemplo sem pena esse triste abandono,  
Só eu as vi nascer, vejo-as só eu cair.  
Como a escura montanha, esguia e pavorosa,  
Faz, quando o sol descamba, o vale enoitecer,  
Esta montanha da alma, a tristeza amorosa,  
Também de ignota sombra enche todo o meu ser.  
Transforma o frio inverno a água em pedra dura,  
Mas torna a pedra em água um raio de verão;  
Vem, ó sol, vem, assume o trono teu na altura,  
Vê se podes fundir meu triste coração.

UMA ODE DE ANACREONTE

(A MANUEL DE MELO)

PERSONAGENS:

LÍSIAS. CLEON. MIRTO.

TRÊS ESCRAVOS

A cena é em Samos.

Sala de festim em casa de Lísiás. À esquerda a mesa do festim; à direita uma mesa tendo em cima uma lâmpada apagada, e junto da lâmpada um rolo de papiro.

CENA PRIMEIRA: LÍSIAS, CLEON, MIRTO

(Estão no fim de um banquete, os  
dous homens deitados à maneira  
antiga, MIRTO sentada entre as  
dous leitos. Três escravos)

LÍSIAS Melancólica estás, bela Mirto. Bebamos!  
Aos prazeres!

CLEON Eu bebo à memória de Samos.  
Samos vai terminar os seus dourados dias;  
Adeus, terra em que achei consolo às agonias  
Da minha mocidade; adeus, Samos, adeus!

MIRTO Querem-lhe os deuses mal?

CLEON Não; dous olhos, os teus.

LÍSIAS Bravo, Cleon!

MIRTO Poeta! os meus olhos?

CLEON São lumes  
Capazes de abrasar até os próprios numes.  
Samos é nova Tróia, e tu és outra Helena.  
Quando Lesbos, a mãe de Safo, a ilha amena,  
Não vir a bela Mirto, a alegre cortesã,  
Armar-se-á contra nós

LÍSIAS Lesbos é boa irmã.

MIRTO Outras belezas tem, dignas da loura Vênus.

CLEON Menos dignas que tu.

MIRTO Mais do que eu.

LÍSIAS Muito menos.

CLEON Tens vergonha de ser formosa e festejada,  
Mirto? Vênus não quer beleza envergonhada.  
Pois que dos imortais houveste esse condão  
De inspirar quantos vês, inspira-os, Mirto.

MIRTO Não;  
São teus olhos, poeta, eu não tenho a beleza  
Que arrasta corações.

CLEON Divina singeleza!

LÍSIAS *(à parte)*  
Vejo através do manto as galas da vaidade.  
*(alto)*

Vinho, escravo!

*(O escravo deita vinho na taça de Lísias)*  
Poeta, um brinde à mocidade.  
Trava da lira e invoca o deus inspirador.

CLEON "Feliz quem junto a ti, ouve a tua fala, amor!"

MIRTO Versos de Safo!

CLEON Sim.

LÍSIAS Vês? é modéstia pura  
Ele é na poesia o que és na formosura.  
Faz versos de primor e esconde-os ao profano;  
Tem vergonha. Eu não sei se o vício é lesbiano. . .

MIRTO Ah! tu és. . .

CLEON Lesbos foi minha pátria também,  
Lesbos, a flor do Egeu.

MIRTO Já não é?

CLEON Lesbos tem  
Tudo o que me fascina e tudo o que me mata:  
As festas do prazer e os olhos de uma ingrata.  
Fugi da pátria e achei, já curado e tranqüilo,  
Em Lísias um irmão, em Samos um asilo.  
Bem hajas tu que vens encher-me o coração!

LÍSIAS Insaciável! Não tens em Lísias um irmão?

MIRTO Volto à pátria.

CLEON Pois quê! tu vais?

MIRTO Em poucos dias. . .

LÍSIAS Fazes mal; tens aqui os moços e as folias,  
O gozo, a adoração; que te falta?

MIRTO Os meus ares.

CLEON A que vieste então?

MIRTO Sucessos singulares.  
Vim por acompanhar Lisicles, mercador  
De Naxos, tanto pode a constancia no amor!  
Corremos todo o Egeu e a costa iônia; fomos  
Comprar o vinho a Creta e a Tênedos os pomos.  
Ah! como é doce o amor na solidão das águas!  
Tem-se vida melhor- esquecem-se-lhe as mágoas.  
Zéfiro ouviu por certo os ósculos febris,  
Os júbilos do afeto, as falas juvenis;  
Ouviu-os, delatou ao deus que o mar governa  
A indiscreta ventura, a efusão doce e terna.  
Para a fúria acalmar da sombria deidade,  
Nave e bens varreu tudo a horrível tempestade.  
Foi assim que eu perdi a Lisicles, assim  
Que eu semimorta e fria à tua plaga vim.

CLEON Oh! coitada!

LÍSIAS O infortúnio os ânimos apura;  
As feridas que faz o mesmo Amor as cura;  
Brandem armas iguais Aquiles e Cupido.  
Queres ver noutro amor o teu amor perdido?  
Samos o tem de sobra.

CLEON Eu, Mirto, eu sei amar

Não fio o coração da inconstância do mar.  
Não tenho galeões rompendo o seio a Tétis  
Estrada tanta vez ao torvo e obscuro Letes.  
Aqui me tens; sou teu; escreve a minha sorte;  
Podes doar-me a vida ou decretar-me a morte.

MIRTO Mas, se eu volto. . .

CLEON Pois bem! aonde quer que te vás  
Irei contigo; a deusa indômita e falaz  
Ser-me-á hóspede amiga; ao pé de ti a escura  
Noite parece aurora, e é berço a sepultura.

MIRTO Quando fala o dever, a vontade obedece;  
Eu devo ir só; tu ficas, ama-me um pouco e esquece.

LÍSIAS Tens razão, bela Mirto; escuta o teu dever.

MIRTO Ai! é fácil amar, difícil esquecer.

LÍSIAS (a MIRTO)  
Queres pôr termo à festa? Um brinde a Vênus, filha  
Do mar azul, beleza, encanto, maravilha;  
Nascida para ser perpetuamente amada.  
A Vênus!

*(Depois do brinde os escravos trazem os vasos com água perfumada em que os convivas lavam as mãos; os escravos saem, levando os restos do banquete. Levantam-se todos.)*

Queres tu, mimosa naufragada,  
Ouvir de hemônia serva, em lira de marfim,  
Uma alegre canção? Preferes o jardim?  
O pórtico talvez?

MIRTO Lísias, sou indiscreta;  
Quisera antes ouvir a voz do teu poeta.

LÍSIAS Nume não pede, impõe.

CLEON O mando é lisonjeiro.

LÍSIAS Pois começa.

CENA II: *Os mesmos, um escravo.*  
Procura a Mirto um mensageiro.

MIRTO Um mensageiro! a mim!

LÍSIAS Manda-o entrar.

ESCRAVO Não quer.

LÍSIAS Vai, Mirto.

MIRTO (*saindo*) Volto já.

(*Sai o ESCRAVO*).

CENA III: LÍSIAS, CLEON.

CLEON (*Olhando para o lugar por onde MIRTO saiu*)

Oh! deuses! que mulher!

LÍSIAS Ah! que pérola rara!

Onde a encontraste?

LÍSIAS Achei-a

Com Partênis que dava uma esplêndida ceia;  
Partênis, ex-bonita, ex-jovem, ex-da-moda,  
Sabes que vê fugir-lhe a enfasiada roda;  
E, para não perder o grupo adorador,  
Fez do templo deserto uma escola de amor.  
Foi ela quem achou a naufraga perdida,  
Exposta ao vento e ao mar, quase a expirar-lhe a vida.  
A beleza pagava o emprego de uma esmola;  
Dentro em pouco era Mirto a flor de toda a escola.

CLEON Lembrou-te convidá-la então para um festim?

LÍSIAS Foi um pouco por ela e um pouco mais por mim.

CLEON Também amas?

LÍSIAS Eu sou mestre em matéria de amor.  
Vênus e o louro Apolo, a poesia e a beleza.

CLEON Oh! a beleza, sim! Viste já tanta graça,  
Tão celestes feições?

LÍSIAS Cuidado! Aquela caça  
Zomba dos tiros vãos de ingênuo caçador!

CLEON Incrédulo !

LÍSIAS Eu sou mestre em matéria de amor.  
Se tu, atento e calmo, a narração lhe ouvisses  
Conheceras melhor o engenho desta Ulisses.  
Aquele ardente amor a Lisicles, aquele  
Fundo e intenso pesar que à sua pátria a impele,  
Armas são com que a astuta os ânimos seduz.

CLEON Oh! não creio.

LÍSIAS Por quê?

CLEON Não vês como lhe luz  
Tanta expressão sincera em seus olhos divinos?

LÍSIAS Sim, tem muita expressão... para iludir meninos.

CLEON Pois tu não crês?

LÍSIAS Em quê? No naufrágio? Decerto.  
Em Lisicles? Talvez. No amor? É mais incerto.  
Na intenção de voltar a Lesbos? Isso não!  
Sabes o que ela quer? Prender um coração.

CLEON Impossível!

LÍSIAS Poeta! estás na alegre idade  
Em que a ciência da vida é a credulidade.  
Vês tudo azul e em flor; eu já me não iludo.  
Pois amar cortesãs! isso demanda estudo,  
Não vai assim, que as tais abelhitas do amor  
Correm de bolsa em bolsa e não de flor em flor.

CLEON Mas não as amas tu?

LÍSIAS Decerto à minha moda,  
Meu grande coração cos vícios se acomoda;  
Sacrifícios de amor não sonha nem procura;  
Não lhes pede ilusões, pede-lhes só ternura.  
Não me empenho em achar alma ungida no céu:  
Se é crime este sentir, confesso-me, sou réu.  
Não peço amor ao vinho- irei pedi-lo às damas?  
Delas e dele exijo apenas estas chamadas  
Assim é que eu estimo as ânforas e os beijos.  
Lá protestos de amor, eternos e leais,  
Tudo isso é fumo vão. Que queres? Os mortais  
Somos todos assim.

CLEON Ai, os mortais! dize antes  
Os filósofos maus, ridículos pedantes  
Os que não sabem crer, os fartos já de amores  
Esses sim. Os mortais !

LÍSIAS Refreia os teus furores  
Poeta; eu não quisera amargurar-te, e enfim  
Não podia supor que a amasses tanto assim.  
Cáspite! Vais depressa!

CLEON Ai, Lisias, é verdade,  
Amo-a, como não amo a vida e a mocidade;  
De que modo nasceu esta afeição que encerra  
Todo o meu ser, ignoro. Acaso sabe a terra  
Por que é mais bela ao sol e às auras matinais?  
Amores estes são terríveis e fatais.

LÍSIAS Vês com olhos do céu cousas que são do mundo;  
Acreditas achar esse afeto profundo,  
Nestas filhas do mal! Se a todo o transe queres  
Obter a casta flor dos célicos prazeres  
Deixa a alegre Corinto e todo o luxo seu;  
Outro porto acharás: procura o gineceu.  
Escolhe aquele amor doce, inocente e puro,  
Que ainda não tem passado e vive do futuro.  
Para mim, já to disse, o caso é diferente;

Não me importa um nem outro; eu vivo no presente.

CLEON Deu-te amiga Fortuna um grande cabedal:  
Viver, sem ilusões, no bem como no mal;  
Não conhecer o amor que morde, que se nutre  
Do nosso sangue, o amor funesto, o amor abutre;  
Não beber gota a gota este brando veneno  
Que requeima e destrói; não ver em mar sereno  
Subitamente erguer-se a voz dos aquilões.  
Afortunado és tu.

LÍSIAS Lei de compensações!  
Sou filósofo mau, ridículo pedante  
Mas invejas-me a sorte; oh! lógica de amante.

CLEON É a do coração.

LÍSIAS Terrível mestre!

CLEON Ensina  
Dos seres imortais a transfusão divina!

LÍSIAS A lição é profunda e escapa ao meu saber;  
Outra escola professo, a escola do prazer!

CLEON Tu não tens coração.

LÍSIAS Tenho. mas não me ilude,  
É Circe que perdeu o encanto e a juventude.

CLEON Velho Sátiro!

LÍSIAS Justo: um semideus silvestre.  
Nestas cousas do amor nunca tive outro mestre.  
Tu gostas de chorar; eu cá prefiro rir.  
Três artigos de lei: gozar, beber, dormir.

CLEON Compras com isso a paz; a mim coube-me o tédio,  
A solidão e a dor.

LÍSIAS Queres um bom remédio,  
Um filtro da Tessália, um bálsamo infalível?  
Esquece empresas vãs, não tentes o impossível;  
Prende o teu coração nos laços de Himeneu;  
Casa-te; encontrarás o amor no gineceu.  
Mas cortesãs! Jamais! São Górgones! Medusas!

CLEON Essas que conhecestes e tão severo acusas  
- Pobres moças! - não são o universal modelo;  
De outras sei a quem coube um coração singelo,  
Que preferem a tudo a glória singular  
De conhecer somente a ciência de amar;  
Capazes de sentir o ardor da intensa chama  
Que eleva, que resgata a vida que as infama.

LÍSIAS Se achares tal milagre, eu mesmo irei pedir-to.

CLEON Basta um passo, achá-lo-ei.

LÍSIAS Bravo ! chama-se?

CLEON Mirto.

Que pode conquistar até o amor de um deus!

LÍSIAS Crês nisso?

CLEON Por que não?

Tu és um néscio; adeus!

#### CENA IV: CLEON

CLEON Vai, céptico! tu tens o vicio da riqueza:

Farto, não crês na fome... A minha singeleza

Faz-te rir; tu não vês o amor que absorve e mata;

Mirto, vingame tu da calúnia insensata;

Amemo-nos. É ela!

#### CENA V: CLEON, MIRTO

MIRTO Estás triste!

CLEON Oh! que não!

Mas deslumbrado, sim, como se uma visão...

MIRTO A visão vai partir.

CLEON Mas muito tarde...

MIRTO Breve.

CLEON Quem te chama?

MIRTO O destino. E sabes quem me escreve?

CLEON Tua mãe.

MIRTO Já morreu.

CLEON Algum antigo amante?

MIRTO Lisicles.

CLEON Vive?

MIRTO Sim. Depois de andar errante

Numa tábua, à mercê das ondas, quis o céu

Que viesse encontrá-lo um barco do Pireu.

Pobre Lisicles! teve em tão cruenta lida

A dor da minha morte e a dor da própria vida.

Em vão interrogava o mar cioso e mudo.



Perdera, de uma vez, numa só noite, tudo,  
A ventura, a esperança, o amor, e perdeu mais:  
Naufragaram com ele os poucos cabedais.  
Entrou em Samos pobre, inquieto, semimorto,  
Um barqueiro, que a tempo atravessava o porto,  
Disse-lhe que eu vivia, e contou-lhe a aventura  
Da malfadada Mirto.

CLEON É isso, a sorte escura  
Voltou-se contra mim; não consente, não quer  
Que eu me farte de amor no amor de uma mulher.  
Vejo em cada paixão o fado que me oprime;  
O amar é já sofrer a pena do meu crime.  
Ixion foi mais audaz amando a deusa augusta;  
Transpôs o obscuro lago e sofre a pena justa;  
Mas eu não. Antes de ir às regiões infernais  
São as graças comigo Eumênides fatais!

MIRTO Caprichos de poeta! Amor não falta às damas;  
Damas, tem-las aqui; inspira-lhe essas chamadas.

CLEON Impõe-se leis ao mar? O coração é isto;  
Ama o que Ihe convém; convém amar a Egisto  
Clitemnestra, convém a Cíntia Endimião;  
É caprichoso e livre o mar do coração;  
De outras sei que eu houvera em meus versos cantado;  
Não Ihes quero... não posso.

MIRTO Ai, triste enamorado!

CLEON E tu zombas de mim!

MIRTO Eu zombar? Não, lamento  
A tua acerba dor, o teu fatal tormento.  
Não conheço eu também esse cruel penar?  
Só dous remédios tens; esquecer, esperar.  
De quanto almeja e quer o amor nem tudo alcança;  
Contenta-se ao nascer coas auras da esperança;  
Vive da própria mágoa; a própria dor o alenta.

CLEON Mas, se a vida é tão curta, a agonia é tão lenta!

MIRTO Não sabes esperar? Então cumpre esquecer.  
Escolhe entre um e outro; é preciso escolher.

CLEON Esquecer? sabes tu, Mirto, se a alma esquece  
O prazer que a fulmina, e a dor que a fortalece?

MIRTO Tens na ausência e no tempo os velhos pais do olvido;  
O bem não alcançado é como o bem perdido,  
Pouco a pouco se esvai na mente e coração;  
Põe o mar entre nós... dissipa-se a ilusão.

CLEON Impossível!

MIRTO Então espera; algumas vezes

A fortuna transforma em glórias os reveses.

CLEON Mirto, valem bem pouco as glórias já tardias.

MIRTO Um só dia de amor compensa estéreis dias.

CLEON Compensará, rnas quando? A mocidade em flor  
Bem cedo morre, e é essa a que convém a amor.  
Vejo cair no ocaso o sol da minha vida.

MIRTO Cabeça de poeta, exaltada e perdida!  
Pensas estar no ocaso o sol que mal desponta?

CLEON A clepsidra do amor não conta as horas, conta  
As ilusões; velhice é perdê-las assim;  
Breve a noite abrija seus véus por sobre mim.

MIRTO Não hás de envelhecer; as ilusões contigo  
Flores são que respeita Éolo brando e amigo.  
Guarda-as, talvez um dia, e não tarde, as colhamos.

CLEON Se eu a Lesbos não vou.

MIRTO Podem colher-se em Samos.

CLEON Voltas breve?

MIRTO Não sei.

CLEON Oh! sim, deves voltar!

MIRTO Tenho medo.

CLEON De quê?

MIRTO Tenho medo... do mar.

CLEON Teu sepulcro já foi; o medo é justo; fica.  
Lesbos é para ti mais formosa e mais rica.  
Mas a pátria é o amor; o amor transmuda os ares.  
Muda-se o coração? Mudam-se os nossos lares.  
Da importuna memória o teu passado exclui;  
Vida nova nos chama, outro céu nos influi.  
Fica; eu disfarçarei com rosas este exílio;  
A vida é um sonho mau; façamo-la um idílio.  
Cantarei a teus pés a nossa mocidade,  
A beleza que impõe, o amor que persuade,  
Vênus que faz arder o fogo da paixão,  
Teu olhar, doce luz que vem do coração.  
Péricles não amou com tanto ardor a Aspásia,  
Nem esse que morreu entre as pombas da Ásia,  
A Laís siciliana. Aqui as Horas belas  
Tecerão para ti vivíssimas capelas.  
Nem morrerás; teu nome em meus versos há de ir,  
Vencendo o tempo e a morte, aos séculos por vir.

MIRTO Tanto me queres tu!

CLEON Imensamente. Anseio  
Por sentir, bela Mirto, arfar teu brando seio,  
Bater teu coração, tremer teu lábio puro,  
Todo viver de ti.

MIRTO Confia no futuro.

CLEON Tão longe!

MIRTO Não, bem perto.

CLEON Ah! que dizes?

MIRTO Adeus!  
*(Passa junto da mesa da direita  
e vê o rolo de papiro)*  
Curiosa que sou!

CLEON São versos.  
Versos teus?  
*(LÍSIAS aparece ao fundo)*

CLEON De Anacreonte, o velho, o amável, o divino.

MIRTO A musa é toda iônia, e o estro é peregrino.  
*(Abre o papiro e lê)*

"Fez-se Niobe em pedra e Filomena em pássaro.  
Assim  
Folgaria eu também me transformasse Júpiter  
A mim.  
Quisera ser o espelho em que o teu rosto mágico  
Sorri;  
A túnica feliz que sempre se está próxima  
De ti;  
O banho de cristal que esse teu corpo cândido  
Contém;  
O aroma de teu uso e donde eflúvios mágicos  
Provém;  
Depois esse listão que de teu seio túrgido  
Faz dous;  
Depois do teu pescoço o rosicler de pérolas;  
Depois . . .  
Depois, ao ver-ter assim, a única e tão sem êmulas  
Qual és,  
Até quisera ser teu calçado, e pisarem-me  
Teus pés". \*

Que magníficos são!

CLEON Minha alma assim te fala.

MIRTO Atendendo ao poeta eu pensava escutá-la.

CLEON Eco do meu sentir foi o velho amador;  
Tais os desejos são do meu profundo amor.

Sim, eu quisera ser tudo isto, — o espelho, o banho,  
O calçado, o colar... Desejo acaso estranho,  
Louca ambição talvez de poeta exaltado...

MIRTO Tanto sentes por mim'?

#### CENA VI: CLEON, MIRTO, LÍSIAS

LÍSIAS (*entrando*)  
Amor, nunca sonhado.  
Se a musa dele és tu!

CLEON Lísias!

MIRTO Ouviste?

LÍSIAS Ouvi .  
Versos que Anacreonte houvera feito a ti,  
Se vivesses no templo em que, pulsando a lira,  
Estas odes compôs que a velha Grécia admira.

(A CLEON)

Quer falar-te um sujeito, um Clínius, um colega,  
Ex-mercador, como eu.

MIRTO Ai, que importuno!

Alega

LÍSIAS Que não pode esperar, que isto não pode ser,  
Que um processo... Afinal não no pude entender.  
Pode ser que contigo o homem se acomode.  
Prometeste talvez compor-lhe alguma ode?

CLEON Não. Adeus, bela Mirto; espera-me um instante

MIRTO Não tardes!

LÍSIAS (*à parte*)  
Indiscreta!

CLEON Espera.

LÍSIAS Petulante!

#### CENA VII: MIRTO, LÍSIAS

MIRTO Sou curiosa. Quem é Clínius, ex-mercador?  
Amigo dele?

LÍSIAS Mais do que isso; é um credor.

MIRTO Ah!

LÍSIAS Que belo rapaz! que alma ferosa e pura,  
Bem digna de aspirar-te um hausto de ventura!  
Queira o céu pôr-lhe termo à profunda agonia,

Surja enfim para ele o sol de um novo dia.  
Merece-o. Mas vê lá se há destino pior;  
Que o alado Mercúrio obstar o alado Amor.  
Com beijos não se paga a pompa do vestido,  
O espetáculo e a mesa; e se o gentil Cupido  
Gosta de ouvir canções, o outro não vai com elas;  
Vale uma dracma só vinte odezinhas belas.  
Um poema não compra um simples borzeguim.  
Versos! são bons de ler, mais nada; eu penso assim.

MIRTO Pensas mal! A poesia é sempre um dom celeste;  
Quando o gênio o possui quem há que o não requeira?  
Hermes, com ser o deus dos graves mercadores,  
Tocou lira também.

LÍSIAS Já sei que estás de amores.

MIRTO Que esperança! Bem vêes que eu já não posso amar.

LÍSIAS Perdeste o coração?

MIRTO Sim; perdi-o no mar.

LÍSIAS Pesquemo-lo; talvez essa pérola fina  
Venha ornar-me a existência agourada e mofina.

MIRTO Mofina?

LÍSIAS Pois então? Enfaram-me estas belas  
Da terra samiana; assaz vivi por elas.  
Outras desejo amar, filhas do azul Egeu.  
Varia de feições o Amor, como Proteu.

MIRTO Seu caráter melhor foi sempre o ser constante.

LÍSIAS Serei menos fiel, não sou menos amante.  
Cada beleza em si toda a paixão resume.  
Pouco me importa a flor; importa-me o perfume.

MIRTO Mas quem quer o perfume afaga um pouco a flor;  
Nem fere o objeto amado a mão que implora o amor.

LÍSIAS Ofendo-te com isto? Esquece a minha ofensa.

MIRTO Já a esqueci; passou.

LÍSIAS Quem fala como pensa  
Arrisca-se a perder ou por sobra ou por minguia.  
Eu confesso o meu mal; não sei tentar a língua.  
Pois que me perdoaste, escuta-me. Tu tens  
A graça das feições, o sumo bem dos bens  
Moça, trazes na fronte o doce beijo de Hebe  
Como um filtro de amor que, sem sentir, se bebe  
De teus olhos destila a eterna juventude  
De teus olhos que um deus, por Ihes dar mais virtude  
Faz azuis como o céu, profundos como o mar.

Quem tais dotes reúne, ó Mirto, deve amar.

MIRTO Falas como um poeta, e zombas da poesia!

LÍSIAS Eu, poeta? jamais.

MIRTO A tua fantasia  
Respirou certamente o ar do monte Himeto.  
Tem a expressão tão doce!

LÍSIAS É a expressão do afeto.  
Sou em cousas de Apolo um simples amador.  
A minha grande musa é Vênus, mãe do Amor.  
No mais não aprendi (os fados meus adversos  
Vedaram-mo! ) a cantar bons e sentidos versos.  
Cleon, esse é que sabe acender tantas almas  
Conquistar de um só lance os corações e as palmas.

MIRTO Conquistar, oh! que não!

LÍSIAS Mas agradar?

MIRTO Talvez.

LÍSIAS Isso mesmo; é já muito. O que o poeta fez  
Fá-lo-ei jamais? Contudo, inda tentá-lo quero;  
Se não me inspira a musa, alma filha de Homero,  
Inspira-me o desejo, a musa que delira,  
E o seu canto concerta aos sons da eterna lira.

MIRTO Também desejas ser alguma cousa?

LÍSIAS Não;  
Eu caso o meu amor às regras da razão.  
Cleon quisera ser o espelho em que teu rosto  
Sorri; eu, bela Mirto, eu tenho melhor gosto.  
Ser espelho! ser banho! e túnica! Tolice!  
Estéril ambição! loucura! criancice!  
Por Vênus! sei melhor o que a mim me convém.  
Homem sisudo e grave outros desejos tem.  
Fiz, a este respeito, aprofundado estudo;  
Eu não quero ser nada; eu quero dar-te tudo.  
Escolhe o mais perfeito espelho do aço fino,  
A túnica melhor de pano tarentino,  
Vasos de óleo, um colar de pérolas, -enfim  
Quanto enfeita uma dama aceitá-lo-ás de mim.  
Brincos que vão ornar-te a orelha graciosa;  
Para os dedos o anel de pedra preciosa;  
A tua fronte pede áureo, rico anadema;  
Tê-lo-ás, divina Mirto. É este o meu poema.

MIRTO É lindo!  
Queres tu, outras estrofes mais?

LÍSIAS Dar-tas-ei quais as teve a celebrada Laís.  
Casa, rico jardim, servas de toda a parte;

E estátuas e painéis, e quantas obras d'arte  
Podem servir de ornato ao templo da beleza,  
Tudo haverás de mim. Nem gosto nem riqueza  
Te há de faltar, mimosa, e só quero um penhor.  
Quero... quero-te a ti.

MIRTO Pois quê! já que a flor,  
Quem desdenhando a flor, só lhe pede o perfume?

LÍSIAS Esqueceste o perdão?

MIRTO Ficou-me este azedume.

LÍSIAS Vênus pode apagá-lo.

MIRTO Eu sei! creio e não creio.

LÍSIAS Hesitar é ceder; agrada-me o receio.  
Em assunto de amor vontade que flutua  
Estás prestes a entregar-se. Entregas-te?

MIRTO Sou tua!

#### CENA VIII: LÍSIAS, MIRTO, CLEON

CLEON Demorei-me demais?

LÍSIAS Apenas o bastante  
Para que fosse ouvido um coração amante.  
A Lesbiana é minha.

CLEON És dele, Mirto!

MIRTO Sim.  
Eu ainda hesitava, ele falou por mim.

CLEON Quantos amores tens, filha do mal?

LÍSIAS Pressinto  
Uma lamentação inútil. "A Corinto  
Não vai quem quer", lá diz aquele velho adágio.  
Navegavas sem leme; era certo o naufrágio.  
Não me viste sulcar as mesmas águas'?

CLEON Vi  
Mas contava com ela, e confiava em ti.  
Mais duas ilusões! Que importa? Inda são poucas;  
Desfaçam-se uma a uma estas quimeras loucas.  
Ó árvore bendita, ó minha juventude,  
Vão-te as flores caindo ao vento áspero e rude!  
Não vos maldigo, não; eu não maldigo o mar  
Quando a nave soçobra, o erro é confiar.  
Adeus, formosa Mirto; adeus, Lísias; não quero  
Perturbar vosso amor, eu que já nada espero;  
Eu que vou arrancar as profundas raízes

Desta paixão funesta; adeus, sede felizes!

LÍSIAS Adeus! Saudemos nós a Vênus e a Lieu.

AMBOS *Io Poenan!* ó Baco! Himeneu! Himeneu!

## PÁLIDA ELVIRA

A FRANCISCO PAZ

*Ulysse, jeté sur les rives d'Ithaque, ne les reconnaît pas et pleure sa patrie. Ainsi l'homme dans le bonheur possédé ne reconnaît pas son rêve et soupire.*

Daniel Stern

### I

QUANDO, leitora amiga, no ocidente  
Surge a tarde esmaiada e pensativa;  
E entre a verde folhagem recendente  
Lânguida geme viração lasciva;  
E já das tênues sombras do oriente  
Vem apontando a noite, e a *casta diva*  
Subindo lentamente pelo espaço,  
Do céu, da terra observa o estreito abraço;

### II

Nessa hora de amor e de tristeza,  
Se acaso não amaste e acaso esperas  
Ver coroar-te a juvenil beleza  
Casto sonho das tuas primaveras  
Não sentes escapar tua alma acesa  
Para voar às lúcidas esferas?  
Não sentes nessa mágoa e nesse enleio  
Vir morrer-te uma lágrima no seio?

### III

Sente-lo? Então entenderás, Elvira,  
Que assentada à janela, erguendo o rosto,  
O vôo solta à alma que delira  
E mergulha no azul de um céu de agosto;  
Entenderás então por que suspira,  
Vítima já de um íntimo desgosto,  
A meiga virgem, pálida e calada,  
Sonhadora, ansiosa e namorada.

### IV

Mansão de riso e paz, mansão de amores  
Era o vale. Espalhava a natureza,  
Com dadivosa mão, palmas e flores  
De agreste aroma e virginal beleza;  
Bosques sombrios de imortais verdores,  
Asilo próprio à inspiração acesa,



Vale de amor, aberto às almas ternas  
Neste vale de lágrimas eternas.

V

A casa, junto à encosta de um outeiro  
Alva pomba entre folhas parecia;  
Quando vinha a manhã, o olhar primeiro  
Ia beijar-lhe a verde gelosia;  
Mais tarde a fresca sombra de um coqueiro  
Do sol quente a janela protegia;  
Pouco distante, abrindo o solo adusto,  
Um fio d'água murmurava a custo.

VI

Era uma jóia a alcova em que sonhava  
Elvira, alma de amor. Tapete fino  
De apurado lavor o chão forrava.  
De um lado oval espelho cristalino  
Pendia. Ao fundo, à sombra, se ocultava  
Elegante, engraçado, pequenino  
Leito em que, repausando a face bela,  
De amor sonhava a pálida donzela.

VII

Não me censure o crítico exigente  
O ser pálida a moça é meu costume  
Obedecer à lei de toda a gente  
Que uma obra compõe de algum volume.  
Ora, no nosso caso, é lei vigente  
Que um descorado rosto o amor resume.  
Não tinha *Miss Smolen* outras cores;  
Não as possui quem sonha com amores.

VIII

Sobre uma mesa havia um livro aberto;  
Lamartine, o cantor aéreo e vago,  
Que enche de amor um coração deserto;  
Tinha-o lido; era a página do *Lago*.  
Amava-o; tinha-o sempre ali bem perto  
Era-lhe o anjo bom, o deus, o orago;  
Chorava aos cantos da divina lira...  
É que o grande poeta amava Elvira!

IX

Elvira! o mesmo nome! A moça os lia,  
Com lágrimas de amor, os versos santos,  
Aquela eterna e lânguida harmonia  
Formada com suspiros e com prantos;  
Quando escutava a musa da elegia  
Cantar de Elvira os mágicos encantos,  
Entrava-lhe a voar a alma inquieta,

E com o amor sonhava de um poeta.

*X*

Ai, o amor de um poeta! amor subido!  
Indelével, puríssimo, exaltado,  
Amor eternamente convencido,  
Que vai além de um túmulo fechado,  
E que através dos séculos ouvido  
O nome leva do objeto amado  
Que faz de Laura um culto, e tem por sorte  
Negra fouce quebrar nas mãos da morte.

*XI*

Fosse eu moça e bonita. . . Neste lance  
Se o meu leitor é já homem sisudo,  
Fecha tranqüilamente, o meu romance,  
Que não serve a recreio nem a estudo;  
Não entendendo a força nem o alcance  
De semelhante amor, condena tudo:  
Abre um volume sério, farto e enorme,  
Algumas folhas lê, boceja... e dorme.

*XII*

Nada perdes, leitor, nem perdem nada  
As esquecidas musas; pouco importa  
Que tu, vulgar matéria condenada,  
Aches que um tal amor é letra morta.  
Podes, cedendo à opinião honrada,  
Fechar à minha Elvira a esquiva porta.  
Almas de prosa chã, quem vos daria  
Conhecer todo o amor que há na poesia?

*XIII*

Ora, o tio de Elvira, o velho Antero,  
Erudito e filósofo profundo,  
Que sabia de cor o velho Homero,  
E compunha os anais do Novo Mundo;  
Que escrevera uma vida de Severo  
Obra de grande tomo e de alto fundo;  
Que resumia em si a Grécia e Lácio,  
E num salão falava como Horácio;

*XIV*

Disse uma noite à pálida sobrinha:  
"Elvira, sonhas tanto! devaneias!  
Que andas a procurar, querida minha?  
Que ambições, que desejos ou que idéias  
Fazem gemer tua alma inocentinha?  
De que esperança vã, meu anjo, anseias?  
Teu coração de ardente amor suspira;  
Que tens?" - "Eu? nada", respondia Elvira.

XV

"Alguma cousa tens! tornava o tio;  
Por que olhas tu as nuvens do poente,  
Vertendo às vezes lágrimas a fio,  
Magoada expressão d'alma doente?  
Outras vezes olhando a água do rio,  
Deixas correr o espírito indolente  
Como uma flor que ao vento ali tombara,  
E a onda murmurando arrebatara.

XVI

*Latet anguis in herba..* " Neste instante  
Entrou a tempo o chá... Perdão, leitores,  
Eu bem sei que é preceito dominante  
Não misturar comidas com amores;  
Mas eu não vi, nem sei se algum amante  
Vive de orvalho ou pétalas de flores;  
Namorados estômagos consomem;  
Comem Romeus, e Julietas comem.

XVII

Entrou a tempo o chá, e foi servi-lo,  
Sem responder, a moça interrogada,  
Com ar tão soberano e tão tranqüilo  
Que o velho emudeceu. Ceia acabada,  
Fez o escritor o costumado quilo,  
Mas um quilo de espécie pouco usada,  
Que consistia em ler um livro velho;  
Nessa noite acertou ser o Evangelho.

XVIII

Abrira em S. Mateus, naquele passo  
Em que o filho de Deus diz que a açucena  
Não labora nem fia, e o tempo escasso  
Vive, coo ar e o sol, sem dor nem pena;  
Leu e estendendo o já trêmulo braço  
À triste, à melancólica pequena,  
Apontou-lhe a passagem da Escritura  
Onde lera lição tão reta e pura.

XIX

"Vês? diz o velho, escusas de cansar-te;  
Deixa em paz teu espírito, criança:  
Se existe um coração que deva amar-te,  
Há de vir; vive só dessa esperança.  
As venturas do amor um deus reparte;  
Queres tê-las? põe nele a confiança.  
Não persigas com súplicas a sorte;  
Tudo se espera; até se espera a morte!

*XX*

A doutrina da vida é esta: espera,  
Confia, e colherás a ansiada palma;  
Oxalá que eu te apague essa quimera.  
Lá diz o bom Demófilo que à alma,  
Como traz a andorinha a primavera,  
A palavra do sábio traz a calma.  
O sábio aqui sou eu. Ris-te, pequena?  
Pois melhor; quero ver-te uma açucena!"

*XXI*

Falava aquele velho como fala  
Sobre cores um cego de nascença.  
Pear a juventude! Condená-la  
Ao sono da ambição vivaz e intensa!  
Coas leves asas da esperança orná-la  
E não querer que rompa a esfera imensa!  
Não consentir que esta manhã de amores  
Encha com frescas lágrimas as flores!

*XXII*

Mal o velho acabava e justamente  
Não rija porta ouviu-se urna pancada.  
Quem seria? Uma serva diligente,  
Travando de uma luz, desceu a escada.  
Pouco depois rangia brandamente  
A chave, e a porta aberta dava entrada  
A um rapaz embuçado que trazia  
Uma carta, e ao doutor falar podia.

*XXIII*

Entrou na sala, e lento, e gracioso,  
Descobriu-se e atirou a capa a um lado  
Era um rosto poético e viçoso  
Por soberbos cabelos coroado;  
Grave sem gesto algum pretensioso,  
Elegante sem ares de enfeitado;  
Nos lábios frescos um sorriso amigo,  
Os olhos negros e o perfil antigo.

*XXIV*

Demais, era poeta. Era-o. Trazia  
Naquele olhar não sei que luz estranha  
Que indicava um aluno da poesia,  
Um morador da clássica montanha,  
Um cidadão da terra da harmonia,  
Da terra que eu chamei nossa Alemanha,  
Nuns versos que hei de dar um dia a lume,  
Ou nalguma gazeta, ou num volume.

*XXV*

Um poeta! e de noite! e capote!  
Que é isso, amigo autor? Leitor amigo,  
Imaginas que estás num camarote  
Vendo passar em cena um drama antigo  
Sem lança não conheço D. Quixote,  
Sem espada é apócrifo um Rodrigo;  
Herói que às regras clássicas escapa,  
Pode não ser herói, mas traz a capa.

*XXVI*

Heitor (era o seu nome) ao velho entrega  
Uma carta lacrada; vem do Norte.  
Escreve-lhe um filósofo colega  
Já quase a entrar no tálamo da morte.  
Recomenda-lhe o filho, e lembra, e alega  
A provada amizade, o esteio forte,  
Com que outrora, acudindo-lhe nos transes,  
Salvou-lhe o nome de terríveis lances.

*XXVII*

Dizia a carta mais: "Crime ou virtude,  
É meu filho poeta; e corre fama  
Que já faz honra à nossa juventude  
Coa viva inspiração de etérea chama;  
Diz ele que, se o gênio não o ilude,  
Camões seria se encontrasse um Gama.  
Deus o fade; eu perdôo-lhe tal sestro;  
Guia-lhe os passos, cuida-lhe do estro"

*XXVIII*

Lida a carta, o filósofo erudito  
Abraça o moço e diz em tom pausado:  
"Um sonhador do azul e do infinito!  
É hóspede do céu, hóspede amado.  
Um bom poeta é hoje quase um mito.  
Se o talento que tem é já provado,  
Conte coo meu exemplo e o meu conselho;  
Boa lição é sempre a voz de um velho".

*XXIX*

E trava-lhe da mão, e brandamente  
Leva-o junto d'Elvira. A moça estava  
Encostada à janela, e a esquiua mente  
Pela extensão dos ares lhe vagava.  
Voltou-se distraída, e de repente  
Mal nos olhos de Heitor o olhar fitava,  
Sentiu... Inútil fora relatá-lo;  
Julgue-o quem não puder experimentá-lo.

*XXX*

Ó santa e pura luz do olhar primeiro!

Elo de amor que duas almas liga!  
Raio de sol que rompe o nevoeiro  
E casa a flor à flor! palavra amiga  
Que, trocada um momento passageiro,  
Lembrar parece uma existência antiga!  
Língua, filha do céu, doce eloquência  
Dos melhores momentos da existência!

*XXXI*

Entra a leitora numa sala cheia;  
Vai isenta, vai livre de cuidado:  
Na cabeça gentil nenhuma idéia?  
Nenhum amor no coração fechado.  
Livre como a andorinha que volteia  
E corre loucamente o ar azulado.  
Venham dous olhos, dous, que a alma buscava...  
Eras senhora? ficarás escrava!

*XXXII*

com só olhar escravos ele e ela  
Já lhes pulsa mais forte o sangue e a vida;  
Rápida corre aquela noite, aquela  
Para as castas venturas escolhida;  
Assoma já nos lábios da donzela  
Lampejo de alegria esvaecida.  
Foi milagre de amor, prodígio santo.  
Quem mais fizera? Quem fizera tanto?

*XXXIII*

Preparara-se ao moço um aposento.  
Oh! reverso da antiga desventura!  
Tê-lo perto de si! viver do alento  
De um poeta, alma lânguida, alma pura!  
Dá-lhe, ó fonte do casto sentimento,  
Águas santas, batismo de ventura!  
Enquanto o velho, amigo de outra fonte,  
Vai mergulhar-se em pleno Xenofonte.

*XXXIV*

Devo agora contar, dia por dia,  
O romance dos dous? Inútil fora;  
A história é sempre a mesma; não varia  
A paixão de um rapaz e uma senhora.  
Vivem ambos do olhar que se extasia  
E conversa coa alma sonhadora;  
Na mesma luz de amor os dous se inflamam,  
Ou, como diz Filinto: "Amados, amam".

*XXXV*

Todavia a leitora curiosa  
Talvez queira saber de um incidente;

A confissão dos dous; - cena espinhosa  
Quando a paixão domina a alma que sente.  
Em regra, confissão franca e verbosa  
Revela um coração independente;  
A paz interior tudo confia,  
Mas o amor, esse hesita e balbucia.

*XXXVI*

O amor faz monossílabos; não gasta  
O tempo com análises compridas;  
Nem é próprio de boca amante e casta  
Um chuva de frases estendidas;  
Um volver d'olhos lânguido nos basta  
A conhecer as chamas comprimidas;  
Coração que discorre e faz estilo,  
Tem as chaves por dentro e está tranqüilo.

*XXXVII*

Deu-se o caso uma tarde em que chovia,  
Os dous estavam na varanda aberta  
A chuva peneirava, e além cobria  
Cinzento véu o ocaso; a tarde incerta  
Já nos braços a noite recebia,  
Como amorosa mãe que a filha aperta  
Por enxugar-lhe os prantos magoados.  
Eram ambos imóveis e calados.

*XXXVIII*

Juntos, ao parapeito da varanda,  
Viam cair da chuva as gotas finas,  
Sentindo a viração fria, mas branda,  
Que balançava as frouxas casuarinas.  
Raras, ao longe, de uma e de outra banda,  
Pelas do céu tristíssimas campinas,  
Via correr da tempestade as aves  
Negras, serenas, lúgubres e graves.

*XXXIX*

De quando em quando vinha uma rajada  
Borrifar e agitar a Elvira as tranças.  
Como se fora a brisa perfumada  
Que à palmeira sacode as tênuas franças.  
A frente gentilíssima e engraçada  
Sacudia coa chuva as más lembranças;  
E ao passo que chorava a tarde escura  
Ria-se nela a aurora da ventura.

*XL*

"Que triste a tarde vai! que véu de morte  
Cobrir parece a terra! (o moço exclama).  
Reprodução fiel da minha sorte,

Sombra e choro." "Por quê? pergunta a dama;  
Diz que teve dos céus uma alma forte..."  
"É forte o cedro e não resiste à chama;  
Leu versos meus em que zombei do fado?  
Ilusões de poeta malgrado!

*XL I*

Somos todos assim. É nossa glória  
Contra o destino opor alma de ferro;  
Desafiar o mal, eis nossa história,  
E o tremendo duelo é sempre um erro.  
Custa-nos caro uma falaz vitória  
Que nem consola as mágoas do desterro,  
O desterro, - esta vida obscura e rude  
Que a dor enfeita e as vítimas ilude.

*XL II*

Contra esse mal tremendo que devora  
A seiva toda à nossa mocidade,  
Que remédio haveríamos, senhora,  
Senão versos de afronta e liberdade?  
No entanto, bastaria acaso um' hora,  
Uma só, mas de amor, mas de piedade,  
Para trocar por séculos de vida  
Estes de dor acerba e envilecida.

*XL III*

Al não disse, e, fitando olhos ardentes  
Na moça, que de enleio enrubescia,  
Com discursos mais fortes e eloqüentes  
Na exposição do caso prosseguia;  
A pouco e pouco as mãos inteligentes  
Travaram-se; e não sei se conviria  
Acrescentar que um ósculo . . . Risquemos,  
Não é bom mencionar estes extremos.

*XL IV*

Duas sombrias nuvens afastando,  
Tênuo raio de sol rompera os ares,  
E, no amoroso grupo desmaiando,  
Testemunhou-lhe as núpcias singulares.  
A nesga azul do ocaso contemplando,  
Sentiram ambos irem-lhes os pesares,  
Como noturnas aves agoureiras  
Que à luz fogem medrosas e ligeiras.

*XL V*

Tinha mágoas o moço? A causa delas?  
Nenhuma causa; fantasia apenas;  
O eterno devanear das almas belas,  
Quando as dominam férvidas camenas;



Uma ambição de conquistar estrelas,  
Como se colhem lúcidas falenas;  
Um desejo de entrar na eterna lida,  
Um querer mais do que nos cede a vida.

*XLVI*

Com amores sonhava, ideal formado  
De celestes e eternos esplendores,  
A ternura de um anjo destinado  
A encher-lhe a vida de perpétuas flores.  
Tinha-o, enfim, qual fora antes criado  
Nos seus dias de mágoas e amargores;  
Madrugavam-lhe n'alma a luz e o riso;  
Estava à porta enfim do paraíso.

*XLVII*

Nessa noite, o poeta namorado  
Não conseguiu dormir. A alma fugira  
Para ir velar o doce objeto amado  
Por quem, nas ânsias da paixão, suspira;  
E é provável que, achando o exemplo dado,  
Ao pé de Heitor viesse a alma de Elvira;  
De maneira que os dous, de si ausentes,  
Lá se achavam mais vivos e presentes.

*XLVIII*

Ao romper da manhã, coo sol ardente,  
Brisa fresca, entre as folhas sussurrando,  
O não dormido vate acorda, e a mente  
Lhe foi dos vagos sonhos arrancando.  
Heitor contempla o vale resplendente,  
A flor abrindo, o pássaro cantando;  
E a terra que entre risos acordava,  
Ao sol do estio as roupas enxugava.

*XLIX*

Tudo então lhe sorria. A natureza,  
As musas, o futuro, o amor e a vida;  
Quanto sonhara aquela mente acesa  
Dera-lhe a sorte, enfim compadecida.  
Um paraíso, uma gentil beleza,  
E a ternura castíssima e vencida  
De um coração criado para amores,  
Que exala afetos como aroma as flores.

*L*

E ela? Se conheceste em tua vida  
Leitora, o mal do amor, delírio santo,  
Dor que eleva e conforta a alma abatida,  
Embriaguez do céu, divino encanto,  
Se a tua face ardente e enrubescida

Palejou com suspiros e com prantos,  
Se ardeste enfim, naquela intensa chama,  
Entenderás o amor de ingênua dama.

*LI*

Repara que eu não faço desse enleio  
De uma noite de baile ou de palestra;  
Amor que mal agita a flor do seio,  
E ao chá termina e acaba com a orquestra;  
Não me refiro ao simples galanteio  
Em que cada menina é velha mestra.  
Averso ao sacrifício, à dor e ao choro;  
Falo do amor, não falo do namoro.

*LII*

Éden de amor, ó solidão fechada  
Casto asilo a que o sol dos novos dias  
Vai mandar, como a furto, a luz coada  
Pelas frestas das verdes gelosias,  
Guarda-os ambos; conserva-os recatada.  
Almas feitas de amor e de harmonias,  
Tecei, tecei as vívidas capelas,  
Deixai correr sem susto as horas belas.

*LIII*

Cá fora o mundo insípido e profano  
Não dá, nem pode dar o enleio puro  
Das almas novas, nem o doce engano  
Não busqueis penetrar neste oceano  
Com que se esquecem males do futuro.  
Em que se agita o temporal escuro.  
Por fugir ao naufrágio e aosofrimento,  
Tendes uma enseada, - o casamento.

*LIV*

Resumamos, leitora, a narrativa.  
Tanta estrofe a cantar etéreas chamas  
Pede compensação, musa insensiva,  
Que fatigais sem pena o ouvido às damas.  
Demais, é regra certa e positiva  
Que muitas vezes, as maiores famas  
Perde-as uma ambição de tagarela;  
Musa, aprende a lição; musa, cautela!

*LV*

Meses depois da cena relatada  
Nas estrofes, a folhas, - o poeta  
Ouviu do velho Antero uma estudada  
Oração cicerônica e seleta;  
A conclusão da arenga preparada  
Era mais agradável que discreta.

Dizia o velho erguendo olhos serenos:  
"Pois que se adoram, casem-se, pequenos!"

*LVI*

Lágrima santa, lágrima de gosto  
Vertem olhos de Elvira; e um riso aberto  
Veio inundar-lhe de prazer o rosto  
Como uma flor que abrisse no deserto.  
Se iam já longe as sombras do desgosto;  
Inda até li era o futuro incerto  
Fez-lhe certo o ancião; e a moça grata  
Beija a mão que o futuro lhe resgata.

*LVII*

Correm os banhos, tiram-se dispensas,  
Vai-se buscar um padre ao povoado;  
Prepara-se o enxoval e outras pertenças  
Necessárias agora ao novo estado.  
Notam-se até algumas diferenças  
No modo de viver do velho honrado,  
Que sacrifica à noiva e aos deuses lares  
Um estudo dos clássicos jantares.

*LVIII*

"Onde vais tu?" "À serra!" "Vou contigo".  
"Não, não venhas meu anjo, é longa a estrada.  
Se cansares ? "Sou leve, meu amigo;  
Descerei nos teus ombros carregada".  
"Vou compor encostado ao cedro antigo  
Canto de núpcias" . "Seguirei calada;  
Junto de ti, ter-me-ás mais em lembrança;  
Musa serei sem perturbar" "Criança!"

*LIX*

Brandamente repele Heitor a Elvira;  
A moça fica; o poeta lentamente  
Sobe a montanha. A noiva repetira  
O primeiro pedido inutilmente.  
Olha-o de longe, e tímida suspira.  
Vinha a tarde caindo frouxamente,  
Não triste, mas risonha e fresca e bela  
Como a vida da pálida donzela.

*LX*

Chegando, enfim, a c'roa da colina,  
Viram olhos de Heitor o mar ao largo,  
E o sol, que despe a veste purpurina,  
Para dormir no eterno leito amargo.  
Surge das águas, pálida e divina,  
Essa que tem por deleitoso encargo  
Velar amantes, proteger amores,

Lua, musa dos cândidos palores.

*LXI*

Respira Heitor; é livre. O casamento?  
Foi sonho que passou, fugaz idéia  
Que não pôde durar mais que um momento.  
Outra ambição a alma lhe incendeia.  
Dissipada a ilusão, o pensamento  
Novo quadro a seus olhos patenteia,  
Não lhe basta aos desejos de sua alma  
A enseada da vida estreita e calma.

*LXII*

Aspira ao largo; pulsam-lhe no peito  
Uns ímpetos de vida; outro horizonte,  
Túmidas vagas, temporal desfeito,  
Quer com eles lutar frente por frente.  
Deixa o tranqüilo amor, casto e perfeito,  
Pelos bródios de Vênus de Amatonte;  
A existência entre fores esquecida  
Pelos rumores de mais ampla vida.

*LXIII*

Nas mãos da noite desmaiara a tarde;  
Descem ao vale as sombras vergonhosas;  
Noite que o céu, por mofa ou por alarde,  
Torna propícia às almas venturosas.  
O derradeiro olhar frio e covarde  
E umas não sei que estrofes lamentosas  
Solta o poeta, enquanto a triste Elvira,  
Viúva antes de noiva, em vão suspira!

*LXIV*

Transpõe o mar Heitor, transpõe montanhas;  
Tu, curiosidade, o ingrato levas  
A ir ver o sol das regiões estranhas,  
A ir ver o amor das peregrinas Evas.  
Vai, em troco de palmas e façanhas,  
Viver na morte, bracejar nas trevas;  
Fazer do amor, que é livro aos homens dado,  
Copioso almanaque namorado.

*LXV*

Inscreve nele a moça de Sevilha,  
Longas festas e noites espanholas,  
A indiscreta e diabólica mantilha  
Que a fronte cinge a amantes e a carolas.  
Quantos encontra corações perfilha,  
Faz da bolsa e do amor largas esmolhas;  
Esquece o antigo amor e a antiga musa  
Entre os beijos da lépida andaluza.

*LXVI*

Canta no seio túrgido e macio  
Da fogosa, indolente italiana,  
E dorme junto ao laranjal sombrio  
Ao som de uma canção napolitana.  
Dão-lhe, para os serões do ardente estio,  
Asti, os vinhos, mulheres, a Toscana.  
Roma adora, embriaga-se em Veneza,  
E ama a arte nos braços da beleza.

*LXVII*

Vê Londres, vê Paris, terra das ceias,  
Feira do amor a toda a bolsa aberta;  
No mesmo laço, as belas como as feias.  
Por capricho ou razão, iguais aperta;  
A idade não pergunta às taças cheias;  
Só pede o vinho que o prazer desperta;  
Adora as outoniças, como as novas,  
Torna-se herói de rua e herói de alcovas.

*LXVIII*

Versos, quando os compõe, celebram antes  
O alegre vício que a virtude austera;  
Canta os beijos e as noites delirantes,  
O estéril gozo que a volúpia gera;  
Troca a ilusão que o seduzia dantes  
Por maior e tristíssima quimera;  
Ave do céu, entre ósculos criada,  
Espalha as plumas brancas pela estrada.

*LXIX*

Um dia, enfim, cansado e aborrecido,  
Acorda Heitor; e, olhando em roda ao largo,  
Vê um deserto, e do prazer perdido  
Resta-lhe unicamente o gozo amargo;  
Não achou o ideal apetecido  
No longo e profundíssimo letargo;  
A vida exausta em festas e esplendores,  
Se algumas tinha, eram já murchas flores.

*LXX*

Ora, uma noite, costeando o Reno,  
Ao luar melancólico, - buscava  
Aquele gozo simples, doce, ameno,  
Que à vida toda outrora lhe bastava;  
Voz remota, cortando o ar sereno,  
Em derredor os ecos acordava;  
Voz aldeã que o largo espaço enchia,  
E uma canção de Schiler repetia.

*LXXI*

"A glória! diz Heitor, a glória é vida!  
Por que busquei nos gozos de outra sorte  
Esta felicidade apetecida,  
Esta ressurreição que anula a morte?  
Ó ilusão fantástica e perdida!  
Ó mal gasto, ardentíssimo transporte!  
Musa, restaura as apagadas tintas!  
Revivei, revivei, chamas extintas!"

*LXXII*

A glória? Tarde vens, pobre exilado!  
A glória pede as ilusões viçosas,  
Estro em flor, coração eletrizado.  
Mãos que possam colher etéreas rosas;  
Mas tu, filho do ócio e do pecado,  
Tu que perdeste as forças portentosas  
Na agitação que os ânimos abate,  
Queres colher a palma do combate?

*LXXIII*

Chamas em vão as musas; deslembradas,  
À tua voz os seus ouvidos cerram;  
E nas páginas virgens, preparadas,  
Pobre poeta, em vão teus olhos erram;  
Nega-se a inspiração; nas despregadas  
Cordas da velha lira, os sons que encerram  
Inertes dormem; teus cansados dedos  
Correm debalde; esquecem-lhe os segredos.

*LXXIV*

Ah! se a taça do amor e dos prazeres  
Já não guarda licor que te embriague;  
Se nem musas nem lânguidas mulheres  
Têm coração que o teu desejo apague;  
Busca a ciência, estuda a lei dos seres,  
Que a mão divina tua dor esmague;  
Entra em ti, vê o que és, observa em roda,  
Escuta e palpa a natureza toda.

*LXXV*

Livros compra, um filósofo procura;  
Resolve a criação, perscruta a vida;  
Vê se espancas a longa noite escura  
Em que a estéril razão andou metida;  
Talvez aches a palma da ventura  
No campo das ciências escondida.  
Que a tua mente as ilusões esqueça:  
Se o coração morreu, vive a cabeça!

*LXXVI*

Ora, por não brigar coos meus leitores,  
Dos quais, conforme a curta ou longa vista,  
Uns pertencem aos grupos novadores  
Da fria comunhão materialista;  
Outros, seguindo exemplo dos melhores,  
Defendem a teoria idealista;  
Outros, enfim fugindo armas extremas,  
Vão curando por ambos os sistemas;

*LXXVII*

Direi que o nosso Heitor, após o estudo  
Da natureza e suas harmonias,  
(Opondo à consciência um forte escudo  
Contra divagações e fantasias);  
Depois de ter aprofundado tudo,  
Planta, homem, estrelas, noites, dias,  
Achou esta lição inesperada:  
Veio a saber que não sabia nada.

*LXXVIII*

"Nada! exclama um filósofo amarelo  
Pelas longas vigílias, afastando  
Um livro que há de dar um dia ao prelo  
E em cujas folhas ia trabalhando.  
Pois eu, doutor de borla e de capelo,  
Eu que passo o.s meus dias estudando,  
Hei de ler o que escreve pena ousada,  
Que a ciência da vida acaba em nada?"

*LXXIX*

Aqui convinha intercalar com jeito,  
Sem pretensão, nem pompa nem barulho,  
Uma arrancada apóstrofe do peito  
Contra as vãs pretensões do nosso orgulho;  
Conviria mostrar em todo o efeito  
Essa que é dos espíritos entulho,  
Ciência vã, de magnas leis tão rica,  
Que ignora tudo, e tudo ao mundo explica.

*LXXX*

Mas, urgindo acabar este romance,  
Deixo em paz o filósofo, e procuro  
Dizer ao vate o doloroso trance  
Quando se achou mais peço e mais escuro.  
Valera bem naquele triste lance  
Um sorriso do céu plácido e puro,  
Raio do sol eterno da verdade,  
Que a vida aquece e alenta a humanidade.

*LXXXI*

Quê! nem ao menos na ciência havia  
Fonte que a eterna sede lhe matasse?  
Nem do amor, nem no seio da poesia  
Podia nunca repousar a face;  
Atrás desse fantasma correria  
Sem que jamais as formas lhe palpasse?  
Seria acaso a sua ingrata sorte  
A ventura encontrar nas mãos da morte?

*LXXII*

A morte! Heitor pensara momentos  
Nessa sombria porta aberta à vida;  
Pálido arcanjo dos finais alentos  
De alma que o céu deixou desiludida;  
Mão que, fechando os olhos sonolentos,  
Põe o termo fatal à humana lida;  
Templo de glória ou região do medo,  
Morte, quem te arrancara o teu segredo?

*LXXXIII*

Vazio, inútil, ermo de esperanças  
Heitor buscava a noiva ignota e fria,  
Que o envolvesse então nas longas tranças  
E o conduzisse à câmara sombria,  
Quando, em meio de pálidas lembranças,  
Surgiu-lhe a idéia de um remoto dia,  
Em que cingindo a cândida capela  
Estava a pertencer-te uma donzela.

*LXXXIV*

Elvira! o casto amor! a esposa amante!  
Rosa de uma estação, deixada ao vento!  
Riso dos céus! estrela rutilante  
Esquecida no azul do firmamento!  
Ideal, meteoro de um instante!  
Glória da vida, luz do pensamento!  
A gentil, a formosa realidade!  
Única dita e única verdade!

*LXXXV*

Ah! por que não ficou terno e tranqüilo  
Da ingênua moça nos divinos braços?  
Por que fugira ao casto e alegre asilo?  
Por que rompera os mal formados laços?  
Quem pudera jamais restituí-lo  
Aos estreitos, fortíssimos abraços  
Com que Elvira apertava enternecida  
Esse que lhe era o amor, a alma e a vida?

*LXXXVI*

Será tempo? Quem sabe? Heitor hesita;



Tardio pejo lhe enrubesce a face;  
Punge o remorso; o coração palpita,  
Como se vida nova o reanimasse;  
Tênuo fogo, entre a cinza, arde e se agita...  
Ah! se o passado ali ressuscitasse  
Reviveriam ilusões viçosas,  
E a gasta vida rebentara em rosas!

*LXXXVI*

Resolve Heitor voltar ao vale amigo,  
Onde ficara a noiva abandonada.  
Transpõe o mar, afronta-lhe o perigo,  
E chega enfim à terra desejada.  
Sobe o monte, contempla o cedro antigo,  
Sente abrir-se-lhe n'alma a flor murchada  
Das ilusões que um dia concebera;  
Rosa extinta da sua primavera!

*LXXXVIII*

Era a hora em que os serros do oriente  
Formar parecem luminosas urnas;  
E abre o sol a pupila resplendente  
Que às folhas sorve as lágrimas noturnas;  
Frouxa brisa amorosa e diligente  
Vai acordando as sombras taciturnas;  
Surge nos braços dessa aurora estiva  
A alegre natureza rediviva.

*LXXXIX*

Campa era o mar; o vale estreito berço;  
De um lado a morte, do outro lado a vida,  
Canto do céu resumo do universo,  
Ninho para aquecer a ave abatida.  
Inda nas sombras todo o vale imerso,  
Não acordara à costumada lida;  
Repousava no plácido abandono  
Da paz tranqüila e do tranqüilo sono.

*XC*

Alto já ia o sol, quando descera  
Heitor a oposta face da montanha;  
Nada do que deixou desaparecera;  
O mesmo rio as mesmas ervas banha.  
A casa como então, garrida e austera,  
Do sol nascente a viva luz apanha;  
Iguais flores, nas plantas renascidas...  
Tudo ali fala de perpétuas vidas!

*XCI*

Desce o poeta cauteloso e lento.  
Olha de longe; um vulto ao sol erguia

A veneranda fronte, monumento  
De grave e celestial melancolia.  
Como sulco de um fundo pensamento  
Larga ruga na testa abrir se via,  
Era a ruína talvez de uma esperança...  
Nos braços tinha uma gentil criança

*XCII*

Ria a criança; o velho contemplava  
Aquele flor que às auras matutinas  
O perfumoso cálix desbrochava  
E entrava a abrir as pétalas divinas.  
Triste sorriso o rosto lhe animava,  
Como um raio de lua entre ruínas.  
Alegria infantil, tristeza austera,  
O inverno torvo, a alegre primavera!

*XCIII*

Desce o poeta, desce, e preso, e fito  
Nos belos olhos do gentil infante,  
Treme, comprime o peito. . . e após um grito  
Corre alegre, exaltado e delirante.  
Ah! se jamais as vozes do infinito  
Podem sair de um coração amante.  
Teve-as aquele... lágrimas sentidas  
Lhe inundaram as faces ressequidas!

*XCIV*

"Meu filho!" exclama, e súbito parando  
Ante o grupo ajoelha o libertino;  
Geme, soluça, em lágrimas beijando  
As mãos do velho e as tranças do menino.  
Ergue-se Antero, e frio e venerando,  
Olhos no céu, exclama: "Que destino!  
Murchar-lhe, viva, a rosa da ventura;  
Morta, insultar-lhe a paz da sepultura!"

*XCV*

"Morta!" "Sim!" "Ah! senhor! se arrependido  
Posso alcançar perdão, se com meus prantos  
Posso apiedar-lhe o coração ferido  
Por tanta mágoa e longos desencantos;  
Se este infante, entre lágrimas nascido,  
Pode influir-me os seus afetos santos...  
É meu filho, não é? perdão lhe imploro!  
Veja senhor! eu sofro, eu creio, eu choro!"

*XCVI*

Olha-o com frio orgulho o velho honrado;  
Depois, fugindo àquela cena estranha,  
Entra em casa. O poeta, acabrunhado,

Sobe outra vez a encosta da montanha;  
Ao cimo chega, e desce o oposto lado  
Que a vaga azul entre soluços banha.  
Como fria ironia a tantas mágoas,  
Batia o sol de chapa sobre as águas.

*XCVII*

Pouco tempo depois ouviu-se um grito,  
Som de um corpo nas águas resvalado;  
À flor das vagas veio um corpo aflito...  
Depois. . . o sol tranqüilo e o mar calado.  
Depois... Aqui termina o manuscrito,  
Que ora em letra de forma é publicado,  
Nestas estrofes pálidas e mansas,  
Para te divertir de outras lembranças.

FIM